

TRADIÇÃO ORAL NO MUNICÍPIO LITORANEO DE CONDE (BA): IDENTIDADE E SABERES LOCAIS

Olindina N. Santos¹

Resumo: O presente trabalho discute sobre as práticas orais e saberes dentro da tradição oral, trazendo como metodologia a história oral, a memória, tempo e identidade nas poéticas orais do município de Conde (BA). Para tanto, será utilizado, aportes teóricos como Halbwachs, Paul Zumthor, Jerusa Pires, Edil Silva Costa, Deleuze e Guattari, entre outros. Para discutir cultura popular Stuart Hall, Terry Eagleton, entre outros. As leituras desses e outros teóricos subsidiam o conhecimento dentro da área de cultura popular, para descrever o sentido das tradições orais que permeiam a vida de pescadores e marisqueiras desde o processo de povoamento deste município, que no passado rico em cultura e tradições orais de um povo que lutou e luta bravamente frente a modernização deste mundo globalizado tecnologicamente, mas que processa as informações e de forma contemporânea simultaneamente sobrevivem com suas memória do passado e do presente.

Palavras-Chave: Práticas Oraís. Tradição Oral. Memória. História Oral

INTRODUÇÃO

O ramo dos estudos narrativos e outras expressões de cultura numa sociedade onde há grande número de analfabetos ainda e em contraposição, a tecnologia com o poder da imagem e realidade virtual, traz como necessidade, examinar o lugar ocupado pelo discurso oral na contemporaneidade. Sabe-se que as práticas cotidianas estão cada vez mais dando a impressão de estarem menos visibilizadas e para manterem-

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural. Universidade do Estado da Bahia. (Pós Crítica /UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientadora: Profa. Dra. Andréa Betânia. Endereço eletrônico: ollynascimento@hotmail.com.

se vivas, muitos desses saberes, são guardados nas memórias dos mais idosos. No município litorâneo de Conde (Bahia), a pesca e a mariscagem fazem parte da rotina, de trabalhadores e trabalhadoras, que com suas histórias de vida e saberes locais, transmitem uma identidade local que permanecem vivas na tradição oral, alguns costumes e crenças.

A cultura no universo cultural é estruturada como uma organização social, na qual estão inscritos uma série de códigos que quando associados coletivamente dão origem a uma manifestação cultural e social, como aborda Geertz (1978) afirmando que cultura é um elemento em constante mutação e transformação, e que cultura se origina da relação entre o caráter social e psicológico de cada um.

Neste contexto de cultura como elemento mutável, pensa-se que cultura pode assumir diversas facetas dependendo do momento histórico que se encontra. Assim cada povo possui culturas com características particulares e até se pode observar semelhanças entre elas visto que sociedades diferentes podem manifestar experiências através de um ou outro traço cultural semelhante.

No município de Conde (BA), no passado era tradição rezar aos santos padroeiros, costume este que veio ao Brasil inicialmente pelos portugueses descobridores e suas expedições nas quais iam dando o nome de datas de festas do calendário católico, aos locais em que chegavam. Assim eram levados para os povoados imagens de santos e santas e muitas vezes criadas lendas recheadas de fatos ditos milagrosos para despertarem e consolidarem as crenças do povo. A devoção surge vinculadas às ocorrências milagrosas, atribuídas a santos e santas, reunindo o povo, em louvor, para superação de suas dificuldades e aflições. Muitos fazendeiros e senhores do açúcar no passado, possuíam suas devoções por seus santos protetores e mandavam construir capelas em suas terras, onde as imagens dos padroeiros eram cultuadas.

Neste município existem padroeiros e padroeiras e uma delas é Nossa Senhora dos Montes. Reza a lenda que a imagem havia sido achada, por acaso, no alto da elevação vizinha e foi colocada na capela, mas esta

desapareceu durante a noite, sendo reencontrada no dia seguinte, no monte em frente ao templo. Isso ocorreu várias vezes, até que os jesuítas colocaram a santa na torre da capela, de frente para a outra elevação, onde construíram um cruzeiro. O local ficou conhecido como alto do cruzeiro.

De acordo o livro *Vozes. Performances e Arquivos de Saberes* (2018) no capítulo: *Por que se canta? Rezando os Santos Católicos no Recôncavo Baiano* de Michael Iyanaga p. 163, o autor retrata sobre as importantes práticas das tradições de rezar aos santos e santas padroeiras. Afirma que a prática de rezar consiste num ritual anual bastante específico, ou seja, tende sempre a ser em data próxima a consagrada ao santo da igreja católica.

Um indivíduo (ou família) da comunidade que é devoto de um ou mais desses santos, abre sua casa para que familiares, parentes e membros da comunidade possam festeja-lo por meio de músicas, danças e comidas. Embora haja variações pequenas e roteiro da reza — consiste principalmente numa “novena” — um ciclo de uma dúzia ou mais vezes — que é cantada o Capelo (isto é, sem acompanhamento instrumental por todas as pessoas presentes seguida por algumas pessoas presentes, seguida por algumas breves orações e um samba feito em nome do santo ou acompanhamento de palmas, tambores, e, ou instrumentos de corda. Por fim, a distribuição de comidas típicas (IMANAGA. 2010).

Descreve o autor a prática da reza, e, neste município no povoado Barra do Itariri, povoado litorâneo deste município traz essas características de devoção de rezar por seus santos e santas. Neste povoado foi sinalizado uma família que realiza a reza dos santos Cosme e Damião em homenagem ao nascimento de duas irmãs gêmeas com o tradicional caruru. As devotas dos santos padroeiros Cosme e Damião reúnem — se no altar para as ladainhas das rezas e algumas se encontravam com as rezas escritas em uma folha de papel para poderem lembrar das orações, o que era seguida pelos demais presentes em torno dos santos padroeiros que ao término da reza foi servido o caruru aos

convidados seguido de um samba de roda e muitos fogos soltos para celebrar o ritual da reza. Percebe-se que mesmo no uso da oralidade essas mulheres se preocuparam em deixar traços de escrita para lembrarem das rezas. Neste sentido iremos observar como a oralidade sempre esteve presente na vida do homem e que a literatura muitas vezes se apossou dela para valer seus escritos.

A ESCRITA COMO PRIVILÉGIO FACE A ORALIDADE

O uso da escrita como forma de não esquecer as rezas, promove uma reflexão sobre o fato de que os textos orais já existiam antes mesmo da escrita surgir. A literatura se apropriou do imaginário, com os mitos para explicarem o mundo e a si próprios e os rituais. Assim, não se pode negar, que os textos orais foram utilizados para interpretar e traduzirem crenças dos povos. Bosí (1992) salienta em *Dialética da colonização* sobre essa adaptação do sagrado como uma forma de aculturação no processo da colonização.

[...] com o fim de converter o nativo Anchieta engendrou uma poesia e um teatro cujo correlato imaginário é um mundo maniqueísta cindido entre forças em perpétua luta: Tupã — Deus, com sua constelação familiar de anjos e santos, e Anhangá Demônio, com a sua corte de espíritos malévolos que se fazem presentes nas cerimônias tupis. Um dualismo ontológico presente a essa concepção totalizante da vida indígena. Um de seus feitos mais poderosos, em termos de aculturação, é o fato do missionário vincular o ethos da tribo a poderes exteriores e superiores à vontade do índio (BOSI, 1992, p. 67-68).

Observa-se assim o uso da oralidade para o processo da colonização na peça teatral, na tentativa de apagar as crenças indígenas e constituir a dos jesuítas. Ainda neste sentido, do privilégio da escrita em detrimento da oralidade, Zumthor (2000, p. 18) afirma: “Negar a importância do papel que desempenharam na história da humanidade, as tradições orais, nas civilizações arcaicas em muitas culturas das margens ainda hoje se mantém graças a elas.” Muito se desprezou no passado a oralidade em

detrimento da escrita. A poesia oral no século XII, de acordo Frederico Fernandes (1972, p. 24) “desempenhou um papel secundário na crítica literária por ter a definição de popular” e por haver sido estudada como manifestação folclórica por conta dos costumes, sincretismo religioso, origem étnica e por ser considerada exótica. Mas convenhamos entender o que seria popular, do povo.

De acordo Stuart Hall (2003) há uma dificuldade em se entender, tanto o termo “popular” como “cultura”. Para o autor supracitado o ponto de partida para qualquer estudo sobre “cultura popular” e suas transformações, seria compreender o processo de lutas contínuas em torno dos trabalhadores e dos pobres. De acordo Hall, no meio da luta entre as transições há várias mudanças que movem o equilíbrio e as relações sociais, e um destes processos, seria o crescimento tanto agrário quanto industrial, que atinge em cheio as lutas em torno da cultura, das tradições e das formas de vida das classes populares. Neste sentido, a tradição popular se constituía por Stuart Hall (2003) como...

[...] no decorrer da longa transição para o capitalismo agrário e, mais tarde, na formação e no desenvolvimento do capitalismo industrial, houve uma luta mais ou menos contínua em torno da cultura dos trabalhadores, das classes trabalhadoras e dos pobres. Este fato, deve constituir o ponto de partida para qualquer estudo, tanto da base da cultura popular quanto de suas transformações. As mudanças no equilíbrio e nas relações das forças sociais ao longo dessa história se revelam, frequentemente, nas lutas em torno da cultura, tradições e formas de vida das classes populares. O capital tinha interesse na cultura das classes populares porque a constituição de uma nova ordem social em termo do capital exigia um processo mais ou menos contínuo mesmo que intermitente, de reeducação no sentido mais amplo (HALL, 2003, p. 2).

Portanto, as tradições orais sempre foi um campo tenso de lutas por um espaço, e o estudo sobre cultura popular para pesquisadores deve ser fonte de muito interesse em buscar meios de divulgar essas tradições que permeiam identidades, memórias, espaços e tempos. Um dos grupos

de pesquisa na área de tradições orais que merece destaque é o grupo de trabalho (GT) de Literatura Oral e Popular da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Letras e Linguística (Anpoll) que se buscou sempre ampliar os estudos das poéticas da voz, associando-os a uma história de trabalho que vem sendo realizada há mais de três décadas de forma contundente. Assim, sabemos que a oralidade também tem voz e espaço para suas performances e poéticas orais.

O TRABALHO DE CAMPO: RELATOS ORAIS QUE RESSIGNIFICAM A PARTIR DAS MEMÓRIAS

O trabalho de campo em andamento tem como objetivo principal o estudo das tradições orais nas experiências pessoais e coletivas, nas comunidades litorâneas onde se encontram as marisqueiras e também dos pescadores que fazem parte desta pesquisa, no município de Conde-Ba. Os arquivos de saberes como manifestações da cultura popular estiveram presentes durante a vida quando jovens destas marisqueiras e pescadores e a abordagem sobre as tradições orais, poéticas orais e culturas populares, que são o objetivo de serem estudadas durante toda a pesquisa do corpo teórico, traz o componente de entender pelos autores a dinâmica desses processos culturais que sofreram modificações. Para Stuart Hall (2003, p. 261) cita que as formas culturais não têm "um significado ou valor fixo inalterável", mas que de acordo o contexto que estejam inseridas, os símbolos mudam de significados. Para o autor, a "transformação cultural" é um eufemismo para o processo pela qual passam algumas formas e práticas culturais, que são expulsas do centro da vida popular e ativamente marginalizadas.

As manifestações culturais não devem ser estudadas como produto pronto. É preciso analisar as manifestações culturais dentro de um contexto do qual fazem parte. Neste município no passado era repleto de manifestações culturais, mas percebe-se que muitas destas só nas memórias destas marisqueiras e pescadores mais idosos estão presentes e que na contemporaneidade, no processo das mudanças de modos de vida, muito se perdeu ou se folclorizou. As transformações sociais levam

as mudanças, e discutir este processo tem que ser pelo viés em como essas manifestações culturais estão sujeitas.

As práticas culturais interagem com os processos histórico e social e se dão desde a conversa com a vizinhança até o caruru de Cosme e Damião. E a aprendizagem se dá por meio desta participação contínua, rotineira e interativa. É no seio familiar e na convivência social que as ideias são transmitidas de geração a geração. Entretanto a cultura está sujeita a alterações no decorrer da vida das pessoas porque esta acompanha o desenvolvimento social. Mancini (1997) cita que essas mudanças culturais ocorrem "... não porque o problema é conservar e manter inalteradas as tradições. Mas de se perguntar como estão se transformando".

Muitas das lembranças destes informantes se manifestam com riquezas de detalhes, mas o que se pretende não é resgatar essas manifestações, mas entender que o contexto mudou e que este estudo se torna uma representação de uma identidade cultural na busca de entender todo o processo de transformação histórica. Um exemplo é a lembrança de participação de uma das marisqueiras idosas ao recitar os versos:

Eu sou uma linda cabocla Sou linda e sou feiticeira Eu ando no meio da roda

Atrás de mim ninguém venha Cabocla, cabocla, mimosa, gentil Sou filha da roça e do Brasil.

Ela afirma ter participado no passado enquanto adolescente das apresentações de reisado e este era seu texto oral de apresentação. E o texto ficou guardado em sua memória ao ser recitado. Nesta recitação a colaboradora lembra-se da sua performance musical. Essa é uma memória, que também é coletiva, pois o verso é de todos que se apropriam. De acordo Hambate Bá (1979, p. 17).

A soma de conhecimentos sobre a natureza e a vida, os valores morais da sociedade, a concepção religiosa do mundo, o domínio das forças ocultas que cercam o homem, o segredo da iniciação nos diferentes ofícios, o relato dos eventos passados ou contemporâneos, o canto, o ritual, a lenda, a poesia — tudo isso é guardado pela memória coletiva.

Portanto, a memória coletiva traz contribuições para que os conhecimentos e valores sejam expressos pelas poéticas orais. A voz sozinha não tem ação para a transmissão oral, mas outros elementos como gestos, olhar e a própria performance, em si, resulta em outro texto. Para Zumthor (2007, p. 50). "A performance é então em si, " um momento de recepção, privilegiado, um enunciado que é percebido". De acordo Katharina Doring (2018, p. 251), em *Vozes, Performances e arquivos de saberes*:

Os cânticos da tradição oral são caracterizados por uma atitude "para e a partir de dentro", por uma postura de voz e entonação que interconecta a percepção subjetiva com a memória ancestral e que une a expressão do lúdico com o sagrado, acessado a partir desse encontro interno.

Portanto, o encontro de pessoas que compartilham um profundo conhecimento, trocando experiências, nos cantos, nas rezas, nas narrativas e esses arquivos de saberes comunicam, expressam sonoridade, lembranças, marcas, enunciados, tradições vivas, etc.

CONCLUSÃO

A pesquisa em andamento no município de Conde-Ba, traz como objetivo principal a ressignificação dos arquivos de saberes das marisqueiras e pescadores com suas experiências de vivências e narrativas das memórias que se encontram presentes e interconectadas com a contemporaneidade. A intenção da pesquisa não é de resgatar essas memórias em um processo de saudosismo, mas de analisar como essas

práticas culturais dentro do contexto se encontram, questionando porque estão se transformando e entender todo esse processo histórico.

Neste sentido, as vozes no estudo dos teóricos utilizados ao longo da pesquisa utilizados na construção da dissertação do mestrado, no contexto das narrativas, memórias, culturas, poéticas orais, arquivos de saberes, etnomusicologia, tradições vivas, será de suma importância para análise e interpretação de cada abordagem. E enquanto pesquisadora, que trabalha com Etnografia e História oral, faz pensar que é preciso ouvir e ser fiel a fala das narradoras (res) autorizadas, para justificar e caracterizar o trabalho de campo.

Desta forma, o contexto histórico e social, no recorte temporal contemporâneo se fará necessário para situar o estudo em questão. As histórias orais são construídas a partir das memórias das colaboradoras e nestas narrativas, são construídos e atribuídos significados e sentidos da própria existência e identidade, de uma cultura local. E as memórias são "arquivos", resultados dessas experiências humanas e particulares de cada sujeito, da reelaboração do vivido e nesse, particular, a memória individual.

REFERÊNCIAS

SOUZA, Eliane Bispo de Almeida. Cantigas de Roda em Monte Alegre (Rio Real\Ba): *Reminiscências de um tempo de Festa e Labuta*, 2007. Tese de Mestrado em Critica Cultural.

Vozes, performances e arquivos de saberes\Organizado por Edil Silva Costa, Frederico Augusto Garcia Fernandes e Nerivaldo Alves Araújo. Salvador: Edunab, 2018.

BÁ, Amadeu Hampaté. *A palavra, memória viva e a África*. In: Correio da Unesco.(Ano 07, n.10.)1979.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 1997.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. "*Mil Platôs*". São Paulo: Editora 34, 1997.

HALL, Stuart. *Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção e leitura*. 2. ed. Trad. Jeruza Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naif, 2007.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval e MAHFOUD, Miguel. *Halbwachs: memória coletiva e experiência*. *Psicol. USP* [online]. 1993, vol.4, n.1-2 [citado 2019-03-17], p. 285-298. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167851771993000100013&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1678-5177.